

# Gestão da cidade

FABIANO DIAS

**E**m recente debate com colegas arquitetos (via o uso providencial do e-mail), uma coisa ficou de comum acordo: que de nada valem grandes obras de urbanização que envolvam centros culturais, esportivos e de lazer – todos muito em voga – se a infra-estrutura básica ainda é deficiente. Ou seja, de nada vale encher a cidade de obras se o tratamento de esgoto e da água, os acessos viários e a moradia são falhos ou inexistentes.

Mas as obras de infra-estrutura não atraem votos como as grandes obras públicas do marketing político. Ao mesmo tempo, foram na proliferação das favelas – estas mesmas que são o exemplo mais grave da falta de infra-estrutura urbana – que muitos dos caciques da política nacional (e capixaba) fizeram seu reduto eleitoral e se perpetuam por meio do voto de uma população desamparada, que se contenta ainda em receber em troca um punhado de tábuas, pregos e telhas para “construir” sua futura “casa” nos lugares mais insalubres da cidade (ou fora dela), aonde aporte a próxima invasão.

Corajosa foi a declaração do prefeito Sergio Cabral, da cidade do Rio de Janeiro, em entrevista à jornalista Marília Gabriela sobre o papel dos políticos e das administrações públicas no total descontrole social das favelas cariocas.

Estamos a caminho de completar a pri-

meira década do séc. XXI e ainda não conseguimos resolver problemas que se arrastam desde o final do séc. XIX, enquanto que, do outro lado do mundo, cidades européias e até asiáticas se preocupam com a cidade do futuro e suas necessidades de crescimento urbano. Desde a metade do séc. XX que as cidades brasileiras crescem a passos largos, mas ainda estamos estagnados em problemas antigos que as atuais gestões teimam em não enfrentar como prioridade.

A questão de honra hoje são os “projetos estruturantes” (termo que caiu no gosto político), mas, se comparações são possíveis, poderíamos comparar a cidade como uma casa, onde não dá para construir a estrutura sem antes pensar na infra-estrutura, na base ou fundação. Essa visão equivocada encontra-se desde a esfera federal até as comunidades, que ainda aceitam receber as migalhas das benesses políticas, ao invés de lutarem por melhores condições de vida e de moradia.

Se muitos dizem que é a cidade o palco das lutas políticas, então o problema se encontra em se caracterizar qual é a prioridade, qual é a “agenda” do discurso político. Qual é a visão que nossos gestores urbanos têm da cidade e para quem e para o quê ela serve.

**Fabiano Dias** é arquiteto-urbanista.

Artigo publicado no Jornal A Gazeta, Seção Opinião, pag. 03, em 30/07/2007